



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

HOMOSSEXUALIDADES NA PSICANÁLISE – DO LABIRINTO ÀS POSIÇÕES

Philippi Rios da Silva; Glaycianny Pires Alves Lira

Universidade Federal do Vale do São Francisco, philippirios@gmail.com; Universidade Federal do Vale do São Francisco, glayciannylira@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho científico busca apresentar uma análise acerca da construção da homossexualidade no sujeito por um viés psicanalítico. O objetivo proposto foi o de analisar – no sentido literal do termo, decompor, elucidar – a homossexualidade, em suas diversas facetas e subjetividades pelo viés psicanalítico. Dentre as ideias defendidas, vale destacar a abordagem psicanalítica freudiana acerca da teoria da sexualidade, a escolha objetal e a constituição sexual primitiva como um labirinto. Ainda sobre os pontos abordados no decorrer deste trabalho vale a pena considerar a sexualidade como sendo uma construção psicossocial: um direto atravessamento da cultura na questão psíquica – representada pela teoria psicanalítica freudiana. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica e, no geral, o artigo atende aos objetivos propostos.

Palavras-chaves: homossexualidade, psicanálise, psicanálise e sexualidade.

Introdução

A homossexualidade é a atração afetiva e sexual por uma pessoa do mesmo sexo. Da mesma forma que a heterossexualidade (atração por uma pessoa do sexo oposto) não tem explicação, a homossexualidade também não tem. Depende da orientação sexual de cada pessoa. Por esse motivo, a Classificação Internacional de Doenças (CID) não inclui a homossexualidade como doença desde 1993 (BRASIL, 2004, p. 29).

Complementar ao conceito clássico de homossexualidade está atrelado, então, o de orientação sexual, que refere-se a atração sexual ou/e afetiva por outrem. É interessante observar que, dentro desse conceito há uma ponte interessante com a ótica psicanalítica, que



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

embasará este artigo. De acordo com o Ministério da Saúde (2004) “os psicólogos não consideram que a orientação sexual seja uma opção consciente que possa ser modificada por um ato da vontade.” (BRASIL, 2004, p. 29) .

Segundo Jorge (2000) a Psicanálise é estruturada em torno dos processos inconscientes – seja pela via sexual ou da linguagem, de acordo com Freud e Lacan, respectivamente. Esse objeto de estudo – o inconsciente – coaduna com o conceito de orientação sexual e conseqüentemente com o de homossexualidade.

Há um decurso histórico, na via psicanalítica, que pretende decompor as homossexualidades – e sim, há plural no termo e tipos. De Freud, e suas hipotetizações sobre a perversão sexual ligada à condição homossexual intimamente atrelada ao conceito de pulsão, a Lacan, com sua proposição de escolha objetual, o tema da sexualidade – aqui mais afunilado em homossexualidade – sempre foi objeto de estudo e discussão. (MARQUES, 2010)

Segundo Marques (2010), Freud explicaria a homossexualidade pela relação entre a predisposição bissexual e o recalque, e além “vai radicalizar de modo significativo sua concepção no sentido da importância do fator psicológico em detrimento do fator biológico” (MARQUES, 2010, p. 35).

Lacan (1992), apesar de abrir o divã ao homossexual e afirmar que são perfeitamente analisáveis continua com um conceito muito arraigado de homossexualidade ligada a formações perversas.

Isso não impede que o amor grego permaneça uma perversão, por maior sublimação que seja. Nenhum ponto de vista culturalista prevalece aqui. Que não nos venham dizer, a pretexto de que essa era uma perversão aceita, aprovada, até mesmo festejada, que não fosse uma perversão. A homossexualidade não deixava de ser o que é, uma perversão. (LACAN, 1992, p.39)

Cruxên (2012) vai além de conceituações e teóricos e aponta para questões práticas interessantes do fazer psicanalítico com o sujeito homossexual – como a abertura na clínica para esses sujeitos e o cuidado como ponto principal ao invés da cura. A visão da sexualidade



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

do sujeito pode variar de acordo com a base teórica que sustenta a discussão, mas há pontos de encontro que nivelam a visão que a Psicanálise, como um todo, tem da homossexualidade.

Neste sentido, o objetivo deste artigo é o de analisar – no sentido literal do termo, decompor, elucidar – a homossexualidade, em suas diversas facetas e subjetividades pelo viés psicanalítico.

Metodologia

A metodologia escolhida deve estar em consonância com os objetivos da pesquisa (LUNA, 2000). Utilizando esse critério, o método escolhido, que se dispõe a atender melhor os objetivos e os parâmetros deste artigo, foi o levantamento bibliográfico.

De acordo com Gil (2009), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para aquele autor, a principal vantagem desse tipo de pesquisa reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama maior de fenômenos do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem é particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados que estão dispersos no tempo e no espaço relacionados ao objeto de estudo. (GIL, 2009 apud LIMA et al, 2012, p.130)

As vantagens na utilização do método escolhido são citadas por Galvão (2010) como sendo inúmeras, pormenorizando e esmiunçando o tema escolhido, além de ser um eficaz instrumento inicial em qualquer pesquisa que se proponha a obter resultados fidedignos.

Pode-se afirmar, então, que realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadores de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

instituições e dos governos que subsidiam a ciência. (GALVÃO, 2010, p.377)

Tendo como suporte as vantagens citadas por Galvão (2010) e o adequamento ao que se propõe este artigo como propões Luna (2000), tanto em adequação conformação aos objetivos quanto ao fazer metodológico mais viável, o método de revisão bibliográfica apresentou-se como sistema de critério mais cabível à utilização.

Como o conteúdo bibliográfico que suporta teoricamente o tema deste artigo é fonte de discussão há tempos, há uma densa produção acerca dos constructos teóricos que embasam a produção científica, além de ser um tema que, desde o início da Psicanálise é mobilizador de desenvolvimento de teorias, foi necessário delimitar o material-base entre os anos de 1992 a 2014, para que, metodologicamente se tenha a possibilidade de replicação.

Resultados e Discussão

Na assunção do pensamento do que seria a homossexualidade na psicanálise, entra em questão a relação edípica que se remonta no caso dessas crianças. Há afirmativa de um Édipo invertido, onde na sua dissolução, avista-se uma identificação pela mãe, na busca pelo falo paterno. Diz Cruxên (2012), sem delongas, que o homossexual tem uma vivência inteira do Édipo, necessitando apenas a compreensão de como esse é vivenciado por ele, e como se encerra. Existe então, uma estruturação do objeto feminino no homossexual, uma relação que não há de se abolir. Dentre os traços que mais se mostram na homossexualidade masculina, o que mais se destaca, e se serve para a análise atual, é a relação no casal parental, onde a mãe, em função diretiva, se ocupa em maior grau da criança que do marido.

Quando o interdito do pai deveria introduzir o sujeito á fase de dissolução de sua relação ao objeto de desejo da mãe e cortar, pela raiz, toda possibilidade do sujeito se identificar ao falo, a criança encontra reforço na estrutura da mãe para que esta crise não tenha lugar. (CRUXÊN, 2012, p. 4).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Miller (2008), em uma entrevista para a *Psychologies Magazine*, traz uma discussão Lacaniana do que seria o amor. Em sua discussão, surge o homem com seu retorno de egocentrismo, impossibilitado de assumir o amor que há em si. Pensando então que amar, segundo Lacan é “dar o que não se tem”, mesmo um homem verdadeiramente apaixonado tem acessos de orgulho, “assaltos de agressividade” direcionados ao seu objeto a, já que é nessa relação que ele reconhece em si a sua falta constitutiva, se põe em evidencia a sua incompletude. É dessa forma, que Lacan (1998, *apud* CRUXÊN, 2012) diz que em alguns casos a marca da interdição se faz quebrada, e dessa forma, resulta a homossexualidade de igual forma: pode ser que o pai ame demais a mãe e que surja como muito dependente dela.

Não se deve deixar de lado também o jogo das posições sexuais. Em psicanálise, a sexualidade se põe em posições, mas anterior a isso, a escolha do sexo se dará em um labirinto. Taboas (2011) diz que é o labirinto do ser sexuado que concerne à psicanálise em seu dispositivo. Entretanto, um outro labirinto se entrecruza com esse: aquele que forma os discursos sobre sexos e os da escolha do sexo. Estudiosos do gênero afirmam: a bipartição entre homo e hétero sexualidade é funcional aos negócios do capitalismo e limitante para a liberdade sexual (TABOAS, 2011, p. 3)

Entretanto, Marques (2011) diz que não se deve confundir as posições sexuais, com a escolha do objeto de gozo, em sua possibilidade de ser homem ou mulher. Lacan teorizou a queda do macho e da fêmea, e trouxe suas novas formas de gozo: o masculino, do sexual propriamente dito, mediado pelos significantes, sendo então de homens e mulheres; e do feminino, além do próprio falo. Segundo Marques (2011) a posição ativa então, teria um investimento maior no objeto, e a passiva um quantidade maior no eu. E assim, os termos masculino e feminino dizem respeito apenas a uma lógica pulsional, pelo qual um sujeito se põe frente ao seu objeto e desejos, ora demandando ser amado, ora ser amante.

E é, então, que se adentra na lógica da pulsão e da escolha do objeto. Freud, segundo Táboas (2011), afirma que: entre o instinto sexual e o seu objeto há uma aderência que se



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

passa despercebida na vida sexual chamada “normal”. O objeto da libido pode ser qualquer um. Fazendo uma referência a Miller, Táboas diz:

As identificações - nem primitiva ao Pai, nem simbólica a um traço do Outro, nem histórica imaginária ao corpo do outro -, dão conta da escolha do sexo, que é, digamos, eleição de gozo, forçada e inconsciente, e remete ao que não tem representação. Por que eleição forçada? O variável da satisfação pulsional se encontra com a invariante do gozo que estava antes. (TÁBOAS, 2011, p.8).

Freud, em seu decurso de estudo sobre a sexualidade, rompe com o discurso biologizante da sexologia que, doravante à noção de instinto, reduzia os sujeitos a um padrão determinado de comportamento e classificava como perversa qualquer conduta sexual que não levasse à procriação (MARQUES, 2010). A partir desse rompimento de Freud, abrem-se as questões ligadas ao exercício da sexualidade para um patamar não apenas psicanalítico, mas dos sujeitos e, sobretudo, da sociedade.

(...) as relações de poder executadas (...) nos âmbitos sociais e culturais – onde o exercício da sexualidade não normativa, ou seja, homossexualidade ou bissexualidade é condenatório e exasperantemente não pró-social, no sentido enraizado culturalmente do termo. E é clichê falar, analogicamente, de cegos e “enxergantes” – se o neologismo é permitido – em questões de gênero; mas o que é a sociedade senão um jogo político de detentores da visão e do poder sob cegos de consciência e de ação? Além desse embate clássico de poder, há ainda a inversão, proposital e extremamente interessante para os agora cegos, de tornarem-se cegos para não responderem por si. É fácil não ver quando há benefícios nisso, o difícil é deixar-se de sê-lo quando a cegueira está tão arraigada que torna-se constitutiva. (LIRA, 2014, p. 5)

Por fim, é viável ressaltar que apesar de a Psicanálise ter algumas visões sobre a homossexualidade e abarcar o tema em suas discussões de Freud a Miller, passando por tantos outros renomados psicanalistas, não há, destarte, um fechamento conceitual sobre o sujeito homossexual, vendo-o, primeiramente, como sujeito e não o enquadrando em um padrão fixo de ação/comportamento sexual, afetivo e social.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Conclusão

Diante da limitação metodológica de ir além, no tangente à prática psicanalítica, e a restrição a produções científicas, há muito ainda o que se discutir sobre as homossexualidades na psicanálise. Haja vista a vasta alteração que traz, sendo desde sua constituição até seu cerne, a sexualidade – aqui abordada nas facetas da homossexualidade – um tema muito caro à Psicanálise e a muitos psicanalistas.

A discussão trazida neste artigo, embora simplista se comparada a um todo produzido no decurso nos anos, aborda pontos importantes que evoluíram conforme a Psicanálise foi se abrindo e adequando aos padrões despontantes. Mas, sobretudo, traz um indicativo de não fechamento em relação à homossexualidade – ou homossexualidades, considerando que há várias formas do sujeito constituir-se como homossexual, e destas, não há nenhuma taxativamente hermética que defina e deslize o ser sujeito em sua homossexualidade.

Em arremate, é importante ter em mente – mesmo que, psicanaliticamente falando nem sempre isso seja possível – que o sujeito constitui-se primeiro como sujeito mesmo e que não há, de fato, uma veste que o cubra como homossexual e como padrão de homossexualidade, mas há, sim, pressupostos e hipotetizações acerca de como as muitas facetas das homossexualidades incidem, atravessam o sujeito em sua constituição, formando como um homossexual, à luz da Psicanálise.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Ministério da Saúde. **Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual**. Brasília, 2004. Disponível em: < http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf > Acesso em: 01 Maio 2015.

GALVÃO, M.C.B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. In: Laércio Joel Franco, Afonso Dinis Costa Passos. (Org.). Fundamentos de epidemiologia. 2ed. A. 398 ed. São Paulo: Manole, 2010, v. , p. -377. Disponível em: < http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_CristianeGalv.pdf > Acesso em: 02 Maio 2015.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. 5.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, J. **O seminário, Livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Rev. Katál. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe>> Acesso em: 01 Maio 2015.

LIRA, G. P. A. **Psicanálise, cultura e exercício da livre sexualidade humana – desejo e falta na bissexualidade**. Campina Grande, 2014. Disponível em: < http://www.editorarealize.com.br/revistas/generox/trabalhos/Modalidade_1datahora_17_05_2014_23_30_24_idinscrito_276_8a54b47528d4c558a3e147bd43cbe7f3.pdf> Acesso em: 03 Maio 2015.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2000.

MARQUES, L. R. **As homossexualidades na Psicanálise**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: < <http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-ii-ano-ii/artigos/3-as-homossexualidades-na-psicanalise.pdf>> Acesso em 01 Maio 2015

MILLER, J. **Entrevista com Jacques Miller realizada por Hanna Waar**. Psychologies Magazine de outubro (nº 278). [s.l.], 2008. Traduzida por Maria do Carmo Dias Batista. Disponível em: < <http://lisandronogueira.com.br/2014/06/17/entrevista-de-jacques-alain-miller-a-psychologies-para-amar-e-necessario-reconhecer-que-se-tem-necessidade-do-outro/>> Acesso em 02 Maio 2015.

TÁBOAS, C. G. **Século XXI**: a escolha do sexo no labirinto. Opção Lacaniana Oline nova série. Ano 2. Número 5. Julho 2011. Disponível em: < http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_5/S%C3%A9culoXXI_a_escolha_de_sex_o_labirinto.pdf> Acesso em: 02 Maio 2015.